

## HÁ QUE DAR A VOLTA AO TEXTO!

Ficará 2005 como um ano de má memória para o sector lácteo em Portugal? Muitos dos que dele fazem parte certamente concordarão com esta afirmação...

O ano recém terminado foi o terceiro ou mesmo o quarto consecutivo, em que a situação financeira do país, em conjunto com a inabilidade dos políticos, gerou uma situação de desmoralização e de elevada falta de confiança de todo um país. Bem quiseram elevar essa confiança à força de fogachos e de pacotes e mais pacotes de medidas, todos procurando ver, em primeira mão, na miríade de indicadores económicos que todos os dias são divulgados, um sinal, uma luz, um indicador da recuperação que está a chegar. Mas logo de seguida, outro(s) vêm para contrariar e reafirmar a situação de crise que não termina. Os políticos, consoante estejam do lado da situação ou da oposição, observam a realidade como de filmes diferentes se tratasse: ora romance, ora terror.

O consumo tem-se vindo a ressentir desta expectativa negativa acumulada. Nalguns casos consome-se claramente menos, noutras consome-se diferente (mais barato...). As próprias análises de conjuntura, como se pode ver mais à frente neste relatório, muitas vezes impedem conclusões claras quanto ao que se está a passar. No entanto, parece claro que, relativamente ao sector de lacticínios, uma parcela substancial das empresas se não está a vender quantidades menores, está certamente a vender em piores condições de preços e de margens de comercialização.

A moderna distribuição vive actualmente uma situação complexa no nosso país, sendo várias as insígnias que não descobriram ainda se querem ser carne (espaços convencionais) ou peixe (lojas de desconto). Mais grave: algumas delas pretendem ser peixe ao nível dos preços, mas continuar a ser carne, no que se refere à estrutura, funcionamento comercial, posicionamento dos espaços, etc. Nessa como, refira-se, noutras áreas é o fornecedor que 'paga' o preço respectivo. Será que as autoridades competentes não percebem realmente o que está por trás de atitudes tão magnânimas como as da devolução do IVA aos consumidores ou das continuadas promoções (par, 50%,...) ou ainda da actual promiscuidade entre distribuição e gasolineras.

Desenvolvimento de marcas brancas e primeiros preços, redução dos sortidos e do número de produtos por referência nas prateleiras, utilização crescente das possibilidades de abastecimento oferecidas pelos mercados internacionais, são aspectos cuja legalidade dificilmente pode ser colocada em causa, mas cujo impacto nos sectores dos produtos de grande consumo é cada vez mais forte e negativo. Não esqueçamos que estamos perante um tecido alargado de PME's as quais têm uma dificuldade crescente (e a que preço?) em partilhar as prateleiras da moderna distribuição.

Sendo a indústria de lacticínios portuguesa, em muito larga medida, direccionada para o mercado nacional, com

apenas uma presença fugaz nos mercados de exportação - a Espanha vale 60% das exportações do nosso país e nestas pesam muito fortemente as movimentações transfronteiriças de leite cru - tal terá alguns aspectos positivos, o principal dos quais alguma 'protecção' relação às mais pronunciadas oscilações dos mercados internacionais, mas também o reverso da medalha, com destaque para a elevada dependência de um reduzido número de clientes, os quais, por operarem num mercado pelo menos aparentemente concorrencial tendem a subir continuamente a fasquia de exigências e a comprimirem constantemente a rentabilidade das empresas industriais.

Mas os estrangimentos do sector não se ficam por aqui. Também ao nível do abastecimento os problemas tendem a começar a surgir. Hoje em dia e por força de circunstâncias várias, o preço do leite à produção no Continente atinge valores que ainda dificultam mais a competitividade dos produtos laborados pela nossa indústria. É possível ser competitivo no mercado, quando se labora em escalas de muito menor dimensão, com custos unitários de produção geralmente mais altos e com preços de aquisição de matéria prima (que nos caso do nosso sector têm um peso muitíssimo mais forte do que na generalidade das indústrias transformadoras) bastante mais elevados do que os nossos principais concorrentes internacionais? Numa economia sem fronteiras?

Portugal atingiu já a sua quota leiteira e, a não ser que algo de extraordinário aconteça (impacto do desligamento, impacto das quebras de preços), tal situação deve gerar uma estabilidade da produção nacional em valores próximos dos dois milhões de toneladas anuais.

Se por um lado, essa estabilidade é benéfica do ponto de vista industrial, por outro, num cenário que pouco tem de irrealista, ligado com uma evolução positiva do consumo, tenderá a criar dificuldades de abastecimento, pelo menos para fazer face às necessidades do mercado nacional.

Coloca-se, então, a questão de estabelecer as melhores opções tendo em vista a máxima valorização da produção leiteira portuguesa e da transformação láctea nacional. Parece clara a necessidade de definir a melhor forma de laborar o leite produzido.

Maximizar o valor acrescentado deverá ser o objectivo e devem ser considerados importantes aspectos tais como:

- a internacionalização, definindo mercados-alvo menos saturados e melhor remunerados,
- o desenvolvimento da produção leiteira de pequenos ruminantes e produtos lácteos obtidos a partir desse leite,
- a promoção institucional do consumo, seja no mercado nacional, seja nos mercados-alvo atrás referenciados,
- o desenvolvimento de acções de I+DT, tentando obter algumas vantagens competitivas com valor de mercado.